

~~~~~

Cem Anos de “Danúbio Azul”

Condensado de
GAZETTE de Montreal
HANS FANTEL



Lançada em 1867, esta melodia alegre e cadenciada tornou-se no mundo inteiro o eco saudoso de uma era colorida e elegante

TILINTA EM transistores em Tóquio e ressoa com esplendor sinfônico no Carnegie Hall de Nova York. Faz o ambiente de inúmeros cafés ao longo do rio cujo nome ela glorificou. Talvez a composição musical mais popular que já se escreveu, a valsa *Danúbio Azul* permanece até aos dias de hoje tão vigorosa e estimulante como—há 100 anos—no dia em que Johann

Strauss a tocou pela primeira vez.

Por ironia, a valsa que iria tornar-se o símbolo musical da frívola e elegante Viena iniciou sua carreira triunfal pelo mundo, não nas margens do Danúbio, mas na França. E a estréia da composição cercou-se de todos os requisitos de um romance do século XIX: festas esplendorosas, uma mulher ardilosa e intrigas diplomáticas.

A Princesa Pauline Metternich, a astuciosa espôsa do Embaixador da Áustria na França, tinha engendrado um plano para tirar partido da visita de Strauss à Feira Mundial de Paris

de 1867. A Princesa calculava que a música de Strauss iria expressar a harmonia natural de temperamento entre os alegres parisienses e os *gemütlich** vienenses. Por que não confirmar essas afinidades básicas com um acôrdo político—uma aliança da Áustria e da França para deter a arrogante ascensão da Alemanha de Bismarck? À execução da música, raciocinava ela, poderia se-

música todo o mundo dançava. E a própria feira constituía um cenário em que até o plano absurdo da Princesa parecia inteiramente plausível. Foi o ano que Paris conquistou o seu título de Cidade-Luz. Um milhão de jatos de luz de gás debruava um sem-número de telhados parisienses, iluminava os grandes bulevares à noite, tornando feérica a cidade.

A presença de Johann Strauss, o



guir-se a redação de um tratado.

O plano pode parecer o tema de uma das operetas do próprio Herr Strauss, mas, afinal de contas, obedecia à melhor tradição da política austríaca. O Exército, como era sabido, distinguia-se em paradas e fantasiosa equitação. As relações exteriores eram uma questão de família, e a música o principal produto de exportação.

Para defender a causa da Áustria, a Princesa escolhera o advogado perfeito: Strauss era o ídolo do momento, o mago ao som de cuja

* Pacatos, bem-humorados.

Rei da Valsa, comunicava ao cenário um brilho especial. O que não faltava eram reis comuns: os monarcas da Suécia, da Turquia, da Grécia, da Prússia, da Baviera, da Bélgica e de Portugal tinham comparecido em visitas oficiais, Strauss sentia-se à vontade entre essas majestades. Pois o fato é que também êle pertencia a uma dinastia: seu pai fôra o Rei da Valsa antes dêle.

Quando rapaz, o pai de Strauss andara de taberna em taberna nos subúrbios de Viena tocando com várias orquestras. Nessas estalagens sombreadas por árvores êle ouvira os

“rabequistas de cervejaria” locais tocarem um nôvo tipo de dança baseado em árias populares da Áustria. Chamavam-na *der Walzer*—literalmente “dança rotativa”—porque os pares giravam continuamente a um compasso de três por quatro. E como é mais fácil rodopiar quando se tem algum apoio, os pares logo descobriram a nova maneira de dançar abraçados.

Apesar de protestos escandalizados contra a intimidade da nova dança, a valsa logo invadiu os resplendentes salões de baile de Viena. Johann Strauss, pai, criou a base musical para a transição. Em suas composições êle aprimorou as rústicas melodias da dança, transformando-as em primorosas e requintadas grinaldas musicais. A febre da valsa espalhou-se pela Europa, e em 1838 Strauss teve a sua maior consagração: êle e sua orquestra foram convidados a tocar durante a coroação da Rainha Vitória da Inglaterra, que tinha então 19 anos.

No apogeu da fama, Strauss encontrou um rival—o próprio filho. Em 15 de outubro de 1844, o jovem Johann estreou como compositor-regente, abrindo o concêrto com quatro novas valsas de sua autoria. E já antes de o concêrto chegar à metade, a platéia começou a suspeitar que Viena tinha um nôvo Rei da Valsa.

Dêsse dia em diante, a vida de Johann Strauss, filho, foi uma seqüência ininterrupta de concertos e composições, viagens e louvores. Contava

41 anos de idade quando a Princesa Pauline o usou como instrumento para o seu plano político, e assim Paris pôde vê-lo em sua melhor forma: bigode elegante, traje apurado, envolvia-o uma aura de severa masculinidade que fascinava as mulheres.

A Princesa Pauline lançou a sua ofensiva diplomática com uma festa deslumbrante em que Strauss iria reger a orquestra na presença de Napoleão III e da Imperatriz Eugênia. Tendo conseguido arrancar do Govêrno Austríaco a fortuna de 165 000 francos, ela revestiu um salão de baile na embaixada de cortinados de cetim verde e rosa, e instalou uma cascata artificial flanqueada de milhares de rosas.

Mas nem o Imperador nem o esplêndido ambiente puderam sobrepujar Strauss. A noite era dêle. E quando fêz vibrar a batuta diante de sua orquestra, os parisienses puderam afinal ouvir as suas conhecidas valsas com o autêntico ritmo vienense que arrebatava o coração, a cabeça e os pés e desafia a própria gravidade. A princípio, o salão ficou apinhado, mas pouco a pouco os dançarinos foram-se retirando. Com música tão fascinante, ouvir era ainda melhor do que dançar.

Só faltava agora a Strauss conquistar o público parisiense. Uma série de concertos realizados na Feira provocaram extáticos louvores. Então, inesperadamente, êle revelou a valsa que iria arrebatá-lo ao mundo. O auditório recebeu as primeiras notas com polida curiosidade. Pode-

ria a nova composição medir-se com as jóias musicais já conhecidas do público?

A resposta foi-se desenrolando lentamente. De uma introdução delicadamente construída, mais parecendo a misteriosa abertura de uma sinfonia do que o começo de uma valsa para dançar, súbitamente irrompeu o impetuoso tema que em breve iria tornar-se proverbial na linguagem da música. Como o próprio rio, a valsa *Danúbio Azul* continua fluindo num torvelinho de melodia, vibrante de colorido. E justamente quando parecia que a torrente musical ia elevar-se acima dos limites do bom gosto e atingir o clímax vulgar, a serenidade voltou. Em meio a ecos dos acordes da abertura, uma cadência formal conduziu a música ao silêncio.

Por alguns instantes, o auditório ficou mudo. Talvez sentisse que acabava de assistir ao nascimento de uma nova forma musical—a valsa prolongando-se ao poema sinfônico. Então a sala encheu-se de exultantes aplausos.

A notícia do sucesso espalhou-se pela Feira. Strauss teve de repetir inúmeras vezes o *Danúbio Azul*, e tôdas as orquestras de Paris começaram a tocar a valsa, que se tornou o tema-canção da Feira. Visitantes não conseguiam tirá-la da cabeça. O Príncipe de Gales voltou para a Inglaterra cantarolando-a, e pouco depois convidou Strauss para ir a Londres. Quando êle regeu a nova valsa em Covent Garden, até a se-

veríssima Rainha Vitória demonstrou seu agrado—como já o demonstrara ao pai de Strauss.

Em Viena, o editor de Strauss não tardou a compreender que o *Danúbio Azul* se tinha tornado o produto mais lucrativo da história da música impressa. Suas máquinas não conseguiam atender à procura; os gravadores trabalhavam em três turnos porque os clichês se gastavam antes de poderem ser substituídos. Pela primeira vez se havia criado um sucesso mundial quase instantâneo, sem o auxílio de emissoras de rádio nem de discos.

Nos anos subseqüentes tem-se tocado o *Danúbio Azul* em milhares de ocasiões, mas nenhuma performance jamais ultrapassou a pompa grotesca de um espetáculo em Bóston em 1872. Perante um auditório de 100 000 pessoas, a valsa melodiosa foi atacada por uma fôrça-tarefa de quase 2 000 músicos e um câro de 20 000 vozes, acrescido de bigornas, sinêtas de carro de bombeiro e "carrilhões" constituídos de pedaços de trilho de vários tamanhos suspensos em armações.

Essa monstruosidade musical foi perpetrada por P. S. Gilmore, um regente de banda de Massachusetts, decidido a exaltar a glória musical da América. Pela quantia espantosa de 100 000 dólares, êle conseguiu convencer Strauss a atravessar o Atlântico e assumir o comando dêsse exército musical. No gigantesco auditório, construído especialmente para a ocasião, Strauss foi colocado

numa espécie de tórre de vigia, observado por dezenas de maestros que iriam acompanhar com binóculos os seus movimentos e transmiti-los aos músicos. Um disparo de canhão seria o sinal para todos começarem a tocar. Por infelicidade, o canhão disparou prematuramente, e Strauss descreveu o espetáculo que se seguiu como “um horrendo tumulto que jamais esquecerei”.

Mas o público vibrou, e durante o resto de sua permanência na América, Strauss foi um herói. Era assediado por mulheres, que pediam mechas do seu cabelo, e o criado de Strauss gentilmente distribuía envelopes perfumados—cada um contendo um cacho negro cortado de um felpudo terra-nova.

O *Danúbio Azul* foi um marco no estilo criativo de Strauss. Antes, êle se considerava simplesmente um

compositor de música de dança. Com a nova grande composição, a valsa passou do salão de baile para o salão de concertos. Os mestres da época saudaram Strauss; Wagner chegou a dizer que êle tinha “a cabeça mais musical da Europa”. Mas o que mais seduzia os ouvintes era seu extraordinário dom de captar a própria essência do temperamento vienense—aquela curiosa mistura de alegria matizada de romântica melancolia.

Como tôda a verdadeira arte, o *Danúbio Azul* é uma incursão no terreno da fantasia, e até o título é uma forma de ilusão. Quem já tenha visto o Danúbio sabe que o rio é verde-acinzentado, com uma predisposição nada romântica para o lamacento. A prova final do gênio de Strauss é o fato de a sua música ter tornado o Danúbio para sempre azul.



Línguas Estrangeiras

ATUALMENTE, os manuais e lições de línguas estão procurando adivinhar tôdas as necessidades de um viajante. Um dos Livros Vista ensina a dizer em polonês: “Por obséquio, pedi café há uma hora. Se o meu café não vier dentro de cinco minutos, ponho fogo neste hotel!” (*Herald Tribune* de Nova York) . . . A página da lição de espanhol em *Lookout*, publicação em língua inglêsa editada em Torremolinos, na Espanha, dizia: “A caneta-tinteiro de minha tia está cheia de uísque” (Frederic Morton, em *Holiday*) . . . Na Suíça, o anúncio radiofônico de um curso de língua estrangeira termina afirmando: “Você será capaz de dizer qualquer coisa desde ‘Doutor, não estou me sentindo muito bem’, até ‘É favor mandar o cadáver de volta por via aérea’.” (R. K. Dugdale, Jr.)